

## Índice

Fracassam as negociações na OMC	01
Trabalhadores da Gerdau reúnem-se no Chile	02
Conselho sindical europeu da ZF	02
Lula defende bicombustível	03
Etanol, de herói a vilão	03

## INTERNACIONAL

### Fracassam as negociações na OMC

Depois de nove dias de reuniões, as negociações ministeriais para a negociação da Rodada Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Genebra, foram concluídas ontem sem qualquer resultado. Os ministros de 35 países tentaram salvar a Rodada Doha, lançada no final de 2001 e que devia ser concluída em 2004. Ela, no entanto, esbarrou nos interesses contraditórios dos países exportadores agrícolas do Sul e dos países exportadores de produtos industrializados do Norte.

Para os trabalhadores da indústria brasileira o resultado, ainda que desfavorável pois consagra a estagnação atual do comércio mundial, poderia ser pior pois nossos empregos estavam ameaçados diante das pressões dos Estados Unidos e União Européia por fortes aberturas comerciais para os manufaturados. As negociações em Genebra foram acompanhadas pelo vice-presidente da CNM/CUT, Marino Vani.



Os sindicatos latino-americanos emitiram nesta semana uma declaração sobre os perigos do caminho para onde as discussões na OMC estavam indo. "Demandamos a nossos governos que instruem a suas delegações negociadoras em Genebra a não aceitar a proposta do diretor geral da OMC, Pascal Lamy".

A declaração, assinada por dezenas de confederações encabeçadas por Víctor Baéz, secretário-geral da Confederação Sindical das Américas, considerou que a proposta de Lamy "responde exclusivamente aos interesses dos países desenvolvidos, deixando de lado o respeito aos princípios da "reciprocidade menos que plena" e o "trato igual diferenciado" que permitiriam estabelecer regras de comercio multilateral mais equilibradas e justas, orientadas ao desenvolvimento sustentável e à geração de trabalho digno".

Os industriais brasileiros, segundo os jornais, também se mostraram discretamente aliviados com o desfecho da reunião ministerial. Para Mário Marconini, diretor de negociações internacionais da Fiesp, o corte nas tarifas de importação e a inclusão de acordos setoriais que permitissem aos países desenvolvidos ganhar mercado no Brasil preocupavam o setor industrial. Cuidadosamente ele acrescentou: "mesmo assim, as concessões poderiam significar ganho de produtividade nos próximos anos, à medida que tornariam a realização de reformas estruturais mais premente". Mais reticente, o presidente da Abinee (indústria elétrica e eletrônica), Humberto Barbato, diz que um acordo poderia ser "danoso" para o segmento.

Para o ex-embaixador Rubens Barbosa, presidente do conselho de comércio exterior da Fiesp, que sempre foi um defensor da tese de que nenhum acordo é melhor do que um acordo possível, o resultado da reunião mostra que "mudou o equilíbrio de poder no mundo". "Os Estados Unidos e a União Européia já não conseguem mais enfiar goela abaixo do mundo qualquer decisão na área do comércio exterior", diz Barbosa.

Os industriais elogiam a atuação do Itamaraty. Um dos segmentos da economia que mais temiam os efeitos do acordo, por contar com uma proteção tarifária de 35%, o setor automotivo, elogiou o governo. "Durante todo o tempo, houve uma posição sólida de respeitar os limites da indústria", disse Jackson Schneider, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). (com os jornais)

## Trabalhadores da Gerdau reúnem-se no Chile

### Comitê Internacional de Trabalhadores da Gerdau realiza encontro no Chile

Metalúrgicos do Chile, Argentina, Uruguai, Brasil, Peru e Colômbia reuniram-se nos dias 23 e 24 de julho para compartilhar informações e fortalecer a luta sindical

O Comitê Internacional de Trabalhadores da Gerdau realizou entre os últimos dias 23 e 24, um encontro de capacitação na cidade de Santiago, no Chile. As atividades realizadas contaram com a participação de Miguel Soto, presidente da Confederação dos Trabalhadores Metalúrgicos do Chile (CONTRAMET) e Jorge Almeida, da FITIM América Latina e Caribe.



Além da troca de experiências entre os trabalhadores, que relataram a realidade enfrentada pela categoria em suas respectivas plantas, o encontro teve como objetivo a capacitação dos companheiros para utilização do ambiente virtual dos metalúrgicos na Gerdau (novo programa para compartilhamento de informações e dados que permite rápida troca de informações e registro - demanda do próprio Comitê).

A capacitação para o programa de compartilhamento de dados que foi criado pelo Dieese e financiado pela AFL-CIO teve a orientação da assessora da CNM/CUT Flávia Nozue e por Brian Finnegan da AFL-CIO.

"Este encontro é muito importante, pois possibilita a comunicação entre os trabalhadores e fortalece a luta sindical", enfatizou Jorge Almeida, que também lembrou aos trabalhadores presentes as experiências do Encontro do Comitê Mundial dos Trabalhadores na Gerdau, em dezembro de 2007. Durante os dois dias, os companheiros relataram semelhanças sobre o forte crescimento da empresa em seus países, saúde e segurança e bonificação por produtividade.

#### Relatos

Os companheiros argentinos da União Obrera Metalúrgica (UOM), informaram que estão constantemente controlando as inspeções de saúde e segurança na empresa.

Ainda sobre segurança e saúde, os companheiros da Colômbia relataram que o sindicato está lutando para que os acidentados da Gerdau sejam reintegrados ao trabalho e não aposentados por invalidez, o que acontece muitas vezes com jovens do País.

Além disso, todos os participantes citaram a força do marketing interno e externo feito pela empresa sobre acidente zero. A empresa cria eufemismo, substituindo acidentes por incidentes, inclusive no Brasil, para que não se configure acidente de trabalho. *(Flávia Nozue e Mayara Baggio - Imprensa CNM/CUT, 27.07.2008)*

## Conselho sindical europeu da ZF

Metalúrgicos brasileiros participam de conselho sindical europeu da ZF

Pelo segundo ano consecutivo, sindicalistas da ZF do Brasil participaram como convidados da reunião do Conselho Europeu de Dirigentes Sindicais da ZF em Übergan, na Alemanha.



A delegação brasileira foi formada por dois metalúrgicos de Sorocaba, João Evangelista de Oliveira e Joselito Mansinho; um do ABC, Paulo Nogueira; e uma de Belo Horizonte (MG), Maria Ferreira Lopes, que também é a secretária da Mulher da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT).

O conselho de sindicalistas é formado por representantes de oito países da Europa e discute as relações de trabalho nas unidades da ZF naquele continente e o mercado metalúrgico no mundo.

O Brasil participou como convidado. Os sindicalistas brasileiros também participaram de um encontro com dirigentes da IG Metall, o sindicato nacional de metalúrgicos alemães. O intercâmbio de metalúrgicos Brasil-Alemanha foi de 7 a 12 de julho. *(Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba, 28.07.2008)*

## Lula defende biocombustível

Presidente rebate críticas ao produto e inaugura primeira de três usinas que, até 2012, responderão por 40% da demanda nacional. Produção da agricultura familiar deve ter prioridade como matéria-prima.



A Petrobras inaugurou ontem em Candeias (BA), a 55km de Salvador, a primeira das três fábricas de biodiesel com as quais a empresa pretende, até 2012, produzir 40% da demanda nacional do combustível alternativo — a meta são 940 milhões de litros por ano, frente a uma necessidade de 2,4 bilhões de litros quando a mistura for de 5%.

As próximas usinas, previstas para inauguração em agosto, serão em Montes Claros (MG) e Quixadá (CE). Todas serão controladas por uma nova subsidiária da estatal, a Petrobras Biocombustível, que vai reunir ainda os negócios de etanol voltados à exportação.

A inauguração em Candeias e a nomeação dos diretores da Petrobras Biocombustível se deram em clima defensivo, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ministros e dirigentes da Petrobras rebatendo as críticas dos que acusam os biocombustíveis de provocar inflação nos preços dos alimentos.

“Enquanto eu for presidente, se alguém provar que o aumento dos biocombustíveis tem impacto nos preços dos alimentos, eu não seria louco de deixar de encher o tanque (a barriga) de um brasileiro para encher o tanque de um automóvel, até porque o meu tanque precisa estar cheio para apertar o pé do acelerador”, discursou Lula. O presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli, emendou: “No momento em que internacionalmente sofremos ataques equivocados, querem atribuir ao programa do biodiesel brasileiro responsabilidades que não são dele.”

A expectativa do governo é de que a produção de matéria-prima pela agricultura familiar possa tornar a balança mais favorável ao biodiesel, inclusive por evitar que aumentos nos preços internacionais da soja, por exemplo, se desdobrem no preço do combustível. “A agricultura familiar é estratégica porque tem capacidade de produção descolada do mercado internacional. Temos que generalizar a produção de energia com base na agricultura familiar, buscando 60% até 70% com base neste tipo de atividade agrícola”, defendeu a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff.

Reforço

Nesse ponto, as plantas da Petrobras são um reforço. A estatal afirma que 58% da matéria-prima será comprada da agricultura familiar, como mamona, girassol e palma (dendê) — a idéia é que os pequenos agricultores forneçam 48,8 mil toneladas de grãos, sendo 30,6 mil toneladas de mamona, 18,2 mil toneladas de girassol e mil toneladas de óleo de dendê. (*Correio Braziliense*, 30.07.2008)

## Etanol, de herói a vilão

*Maria Luisa Mendonça*

Apesar do esforço do governo brasileiro para convencer a comunidade internacional de que o etanol brasileiro é “renovável”, entre 2007 e 2008 houve uma mudança significativa em relação a essa imagem. Recentemente, denúncias de problemas sociais e ambientais fizeram com que a União Européia reduzisse sua meta de uso de agrocombustíveis, fixada inicialmente em 10% até 2020.

Em 7 de julho de 2008, o Comitê de Meio Ambiente do Parlamento Europeu aprovou a redução dessa meta para 4% até 2015, quando uma nova resolução será adotada a partir de estudos mais aprofundados sobre seus impactos. A meta de 4% inclui o uso de hidrogênio e energia elétrica nos transportes, o que significa uma redução ainda maior na utilização de agrocombustíveis.

Dois dias antes da votação, agência de notícias France Presse havia registrado uma reunião informal de ministros de energia da União Européia e descreveu que “o que parecia ser um impressionante engano por parte de políticos em Bruxelas chega a tal ponto que a imagem dos biocombustíveis mudou em um período de meses, de salvadores do clima para forasteiros do clima” (EU ministers 'discover' biofuels not an obligation after all, 5/7/2008).

>>>>>>

Segundo nota da organização Amigos da Terra, “membros do Parlamento Europeu votaram para reduzir de forma significativa as metas de promoção de biocombustíveis diante de evidências crescentes de seus impactos no preço dos alimentos, nos povos e na biodiversidade, e de sua incapacidade de combater a mudança climática”.

O próprio Comitê Científico da Agência Européia de Meio Ambiente (EEA - European Environment Agency) havia recomendado a suspensão da meta de 10% na utilização de agrocombustíveis e avaliado a necessidade da realização de estudos mais abrangentes sobre seus riscos.

O problema de muitas pesquisas realizadas anteriormente foi excluir os impactos ambientais do modelo de produção, de utilização de recursos naturais (como terra e água) e da pressão sobre áreas de preservação ou de produção de alimentos. Uma reportagem da revista Time observa que a maioria dos estudos tem calculado o potencial de seqüestro de carbono dos agrocombustíveis sem levar em conta o impacto da implantação de monocultivos em áreas onde a vegetação e o solo acumulam uma quantidade maior de carbono. “É como se esses cientistas imaginassem que os biocombustíveis fossem cultivados em estacionamentos”, comenta a matéria (O mito da energia limpa, 14/4/08).

Um dos estudos mais importantes sobre a mudança nas formas de utilização da terra e sua relação com o aumento nas emissões de carbono foi publicado pela revista Science (28/2/2008). Os autores afirmam que “A maioria dos estudos anteriores descobriu que substituir gasolina por biocombustíveis poderia reduzir a emissão de carbono. Essas análises não consideraram as emissões de carbono que ocorrem quando agricultores, no mundo todo, respondem à alta dos preços e convertem florestas e pastos em novas plantações, para substituir lavouras de grãos que foram utilizadas para os biocombustíveis”.

O artigo cita o aumento do preço da soja como fator de influência para acelerar o desmatamento na Amazônia e estima que seu cultivo para a produção de diesel resulta em uma “dívida de carbono” que levaria 319 anos para ser compensada. De acordo com o pesquisador Timothy Searchinger, da Universidade de Princeton, “Florestas e pastos guardam muito carbono, portanto não há como conseguir benefícios ao transformar essas terras em cultivos para biocombustíveis”.

Essa pesquisa demonstra que os efeitos da produção de agrocombustíveis devem ser avaliados a partir de todo o ciclo da expansão de monocultivos. No Brasil, sabemos que as plantações de cana avançam rapidamente, além de “empurrar” a fronteira agrícola das fazendas de gado e soja. Diante disso, um estudo confiável de impacto ambiental teria que incluir todo o setor agrícola.

Em janeiro de 2008, o Instituto de Pesquisas Tropicais Smithsonian constatou que o etanol produzido a partir da cana-de-açúcar e o biodiesel feito a partir da soja causam mais danos ao meio ambiente do que os combustíveis fósseis. A pesquisa alerta para a destruição ambiental no Brasil, causada pelo avanço das plantações de cana e soja na Amazônia, na Mata Atlântica e no Cerrado. Segundo o pesquisador William Laurance, “a produção de combustível, seja de soja ou de cana, também causa um aumento no custo dos alimentos, tanto de forma direta quanto indireta” (Agência Lusa, 9/1/2008).

Um relatório da entidade The Rights and Resources Initiative (RRI) revelou que a atual demanda por alimentos, por novas fontes de energia e fibras de madeira para fabricação de papel deve causar “mais desmatamento, mais conflito, mais emissões de carbono, mais mudanças climáticas e menos prosperidade para todos” (BBC News, 14/7/2008, Forests to fall for food and fuel).

A divulgação desses estudos confirma as denúncias de organizações sociais e demonstra a mudança de tom no debate internacional. Como observou o jornal El País “diversos centros de pesquisa e a maior parte dos grupos ecológicos e de direitos humanos emitem diariamente declarações, afirmando que os biocombustíveis não contribuem para combater as mudanças climáticas, que provocam graves impactos ambientais em regiões de alto valor ecológico, alteram o preço dos alimentos e que consolidam um modelo agrícola de exploração trabalhista e alta dependência de grandes multinacionais” (Biocombustíveis perdem o rótulo ecológico, 31/3/2008). No Brasil, há evidências de sobra para comprovar estes impactos. Como lembra a sabedoria popular, a pior cegueira é daqueles que não querem ver.

- Maria Luisa Mendonça é jornalista e coordenadora da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos.